

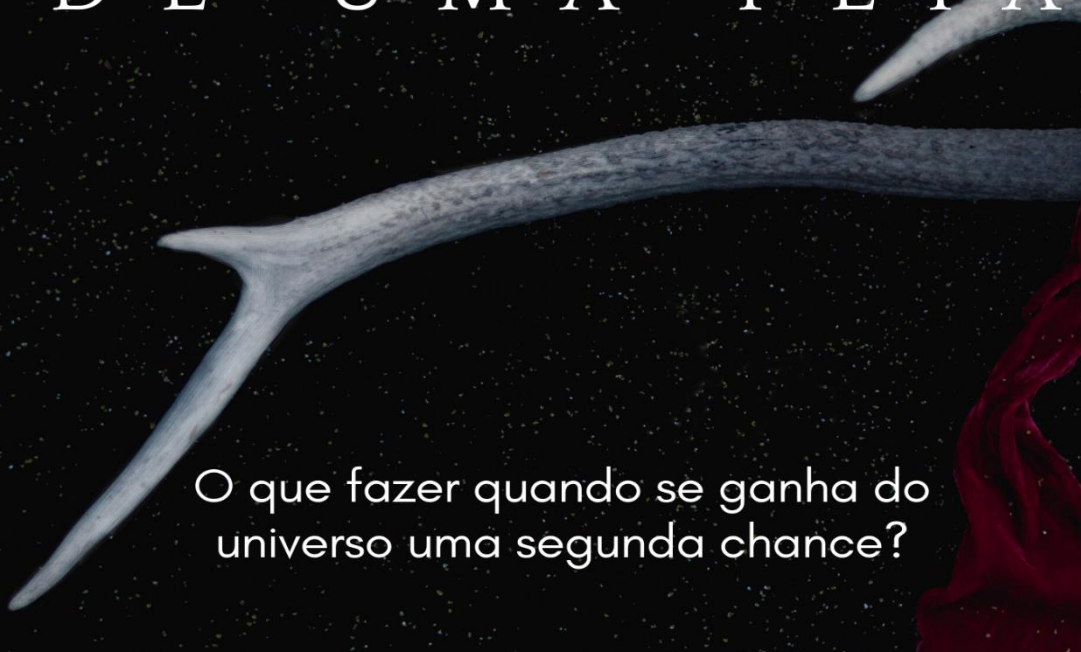
BRENO BRASILLEIRO



E L L A

A HISTÓRIA
DE UMA FEIA

O que fazer quando se ganha do
universo uma segunda chance?



BRENO BRASILEIRO



E L L A

A HISTÓRIA
DE UMA FEIA

O que fazer quando se ganha do
universo uma segunda chance?

ELLA

A HISTÓRIA DE UMA FEIA

Dedico à Você!

Prólogo

22 DE MAIO DE 2017

ALGUMAS HORAS ANTES DO ENCONTRO

— Eu gostei dessa bolsa, vou levar.

— Vic, você já não tem bolsas suficientes? — perguntou Sara.

— Querida, mais uma nunca é demais.

— Isso eu concordo — revelou Samara.

— Vamos, temos que passar na joalheria. — disse Vic.

Elas subiram a rua larga, que exalava a amostras de perfumes caros, onde as vendedoras abordavam sortudos na multidão para lhes apresentar as novas fragrâncias.

— Tem uma excelente loja na praça logo ali à frente, quer passar lá e conferir as novidades? — Samara perguntou, explodindo o chiclete com aroma de morango.

— É aquela mesma — Victória, confirmou e elas seguiram.

A praça estava movimentada e dali a algumas horas já estaria escurecendo. Victória e as amigas se apressaram em

concluir a missão de fazer compras naquele dia. Samara deu um passo à frente das duas, olhando para a pequena aglomeração. Foi então que não conseguiu segurar as palavras, despertando a curiosidade das outras:

— Ai, meu Deus, é realmente quem eu estou vendo? —
O tom de surpresa fez Victória e Sara também olharem.

— Puta merda!

— O que ela está fazendo aqui? — Vic questionou entre dentes.

— É A FEIA! — revelou Sara.

— Aquela maldita! Achei que já estivesse morta! — Vic falava como se o ódio pudesse escorrer pela boca avermelhada.

— Eu me lembro no tempo que ela ferrou com a gente.
— Samara deixou o sorriso de desdém escapar.

— Ou talvez não! — Sara quis mudar de assunto, sabendo que não acabaria bem. — Talvez nem seja ela.

— Não, não. É ela mesma, eu reconheceria aquela criatura feia em qualquer lugar.

— Se me lembro bem, hoje é o aniversário dela —
Samara comentou.

— Isso é interessante. — Vic remexia os dedos, bolando em sua cabeça os mais “belos” pensamentos. — Que tal presentarmos a vadia suja? — Ela sorriu.

— O que pensa que vai fazer, Vic? Por favor, isso já é passado. — Sara estava nervosa.

— Shiii! Só iremos dar um susto nela e depois vamos embora.

— Eu vou adorar isso. — Samara, de novo, explodiu o chiclete.

— Vamos chamar os rapazes. Ao meu sinal você vai ligar para eles, combinado?

Sara estava assustada, porém decidiu confiar na amiga, conformando-se de que aquilo não passaria de um pequeno susto.

— Está bem, ao seu comando — confirmou Sara.

— Perfeito! Agora, vamos. Tenho coisas a acertar com essa vadia!

Parte I

EM UM PASSADO NÃO MUITO DISTANTE

Feia... Desastrada... Mostra.

Aquelas eram as palavras de “bom dia” e “boa tarde” que a adolescente amedrontada diante do armário recebia.

— Ô, meu Deus, mas que coisa feia! Como alguém tem a má sorte de vir ao mundo desse jeito? — perguntava uma adolescente bonita.

— Minha nossa! Parece um monstro — a morena completou.

— Coitada! No futuro não terá ninguém para amá-la — finalizou a jovem mais gordinha da turma, fixando o olhar na morena, no corredor da escola.

As três eram meninas bonitas e patricinhas da Escola Laura Bittencour, que ficava localizada no centro da pequena cidade do interior do Nordeste. A vítima foi encurralada sem cerimônia pelas três, que a atacavam verbalmente.

— Ai, que esquisita! Estou falando com você. De que esfera cósmica você veio?

A pequena e indefesa adolescente não tinha palavras para se defender, nem estrutura para continuar ali, diante daquela recepção. Logo soube que aquele seria mais um ano em que provaria do inferno, de novo.

— Volta aqui. Eu não terminei com você, ô, coisa feia!

Feia...

Feia...

DIAS ATUAIS

22 DE MAIO DE 2017

A baforada emergiu dos pulmões, subindo pela região da traqueia. Por fim, encontrou uma saída pela boca deformada da moça, que estava sentada no banco da praça movimentada, usando uma calça justa preta e blusão cinza com capuz, a fim de se esconder. A nicotina realizou o seu trabalho, fazendo-a, então, reclinar no banco e relaxar, nem que fosse por um minuto.

Exatamente ali, naquele momento, a jovem havia acabado de relembrar o passado tenebroso e sofrido que gritava em sua cabeça, onde viveu por muito tempo quando menor. Toda a sua vida havia sido difícil, a começar pela infância. Ela

não foi presenteada pelo universo com o dom da beleza, nascendo em uma noite fria, de lua cheia. Seus pais a abandonaram com a sua avó, uma senhora de 50 anos que, particularmente, não fazia muito pela neta esquisita.

Ella Marjorie Romana teve que aprender a ser responsável desde muito cedo, pois mesmo com a morte da avó e uma pequena herança deixada para ela, a pobre menina precisava enfrentar o mundo e as pessoas, o que já não seria mais difícil, pois isso já fazia há muito tempo.

A fase da adolescência e a carreira na escola tinham sido um pesadelo em que foi obrigada a viver todos os dias. Certas ações a marcaram para sempre. As meninas, que desfrutavam de uma beleza única, esbanjando postura e status, não dispensavam a oportunidade de humilhá-la por ser portadora de uma deformidade no rosto, ou seja, por ser feia. Porém, a pobre inocente tentava se livrar, evitando ao máximo contatos e aparições no meio do público estudantil, o que era quase impossível. Por esse motivo Marjorie foi obrigada a deixar a escola e tocar a vida da maneira mais fácil que pudesse.

Ella deu mais uma tragada no cigarro e observou o movimento de vai e vem à sua frente. O mundo não parava, as pessoas só se importavam com elas mesmas e a empatia era algo que há tempos fora extinto do mundo.

Era seu vigésimo aniversário. Ella estava diante das lojas, que esbanjavam seus produtos caros e de excelente qualidade nas enfileiradas vitrines iluminadas. Dizia para si mesma o quão sortudos eram aqueles manequins, que tinham a honra de estarem vestidos dentro das peças perfeitamente costuradas e bordadas.

A jovem avistou o glorioso vestido vermelho longo, de alças finas e de tecido caro, que estava chamando por ela. Como um ímã, foi atraída para a vitrine, onde ficou por um minuto, olhando seu reflexo no vidro, usando o belíssimo vestido. Ela não sabia, mas podia imaginar o tamanho esmero e dedicação para a criação daquela peça deslumbrante. Cada detalhe era importante, das linhas usadas em espessuras grossas e finas ao acabamento com pedrarias e tules. Por um segundo, Ella se viu vestida naquela peça especial. Olhou da base, subindo pela estrutura do corpo e chegando ao pescoço. O reflexo se mostrava como um sonho. Após chegar à parte superior do seu corpo, a amargura e tristeza afloraram do seu interior, pois viu seu rosto tomando o lugar do rosto do manequim.

As lágrimas surgiram, fazendo seus olhos arderem. A jovem virou o rosto, desviando o olhar daquilo que viera a ser, e desejou por um minuto não ser quem realmente era. Sua mão tocou o cordão com um pingente de borboleta preso ao pescoço;

a única lembrança que tinha da mãe que nunca conheceu. Enfim, Ella chorou de verdade.

Sua mente vagou para além do momento que estava vivendo. Sim. Ali estava ela, caminhando pela praia, sentindo a brisa do fim da tarde bater contra o seu rosto, que brilhava ao receber os últimos raios do Sol. A jovem estava diferente; o cabelo médio e desgrenhado deu lugar ao longo e bem encaracolado, enriquecendo sua aparência. Os dentes tortos e sujos, todos manchados pelo toque da coloração preta, haviam sumido, revelando no sorriso os dentes perfeitamente lapidados e enfileirados, liberando a alegria. O rosto, que antes tinha uma deformidade na parte esquerda, se tornara atraente e bem emoldurado, ressaltando a beleza da mulher. Ella Marjorie estava linda.

— Vamos, querida, já está ficando tarde — a voz masculina a despertou, tirando-a do momento sublime e agradável diante do mar.

Sua mão foi preenchida por uma mão grossa e morena, que logo a puxou. Assim os dois caminharam. Ela sentia seus pés afundarem na areia, que estavam sendo banhada pelas águas salgadas, deixando um brilho diferente que refletia a silhueta do casal apaixonado.

Ambos pararam. Ele foi romântico e cordial com ela quando a puxou para o seu peito em um abraço quente e carinhoso. Ella estava feliz nos braços do homem que amava. Nunca poderia imaginar que aquele dia chegaria, apenas viveu toda a sua vida com uma certeza de que fora amaldiçoada, porém a maldição, se é que existia, não reinava mais, naquele instante ela estava livre e ao lado de quem queria.

Seu queixo foi puxado com cuidado para mais pertinho dos lábios carnudos e suculentos do homem. Ela precisava daquilo, precisava dele. Em um instante sua boca foi tocada pela dele e ali se concretizou o seu tão esperado sonho de amor.

— Eu te amo — revelou o seu amado.

As palavras dele foram como morfina inserida em suas veias. Logo sentiu seu corpo adormecido. O sentimento por ele era recíproco, ela também o amava e queria que ele soubesse ali, diante do vento e do mar. Ella recuperou a voz diante das palavras fortes que ouviu e não esperou para pronunciar as suas.

De repente, no abrir de sua boca, uma onda se chocou contra os corpos parados em pé. No fim, foi impedida de revelar sua verdade, pois o seu corpo foi jogado para o lado e as mãos do amado a abandonaram. Durante a queda Ella foi amparada não pelas águas nem pela areia, mas pelo asfalto feito de pedras portuguesas em preto e branco. A jovem foi arrancada dos seus

devaneios por uma força bruta, mas a sua mente implorava para que aqueles sonhos voltassem e a libertassem da dura realidade.

— Ó, meu Deus, me desculpe. Você está bem? — a ironia era clara na voz que foi ouvida.

— Minha nossa, Victória, você acabou com o resto dela! — outra moça sorriu quando soltou as palavras.

A jovem caída no chão se levantou, sentindo um líquido fazer caminho pela sua testa. Precisou de uns minutos para recolocar em ordem seus pensamentos, que brutalmente lhe foram tirados. Ela não sabia o que tinha acontecido, mas já imaginava como o fim seria.

Marjorie se colocou de pé, levando uma mão à testa. O capuz do seu blusão não colaborou caindo, revelando o rosto da vítima. Quando ela fitou os rostos das três que estavam diante dela, desejou no seu mais profundo íntimo que tudo não passasse de uma miragem e pudesse sair correndo para bem longe dali.

— Eu não acredito! — uma das meninas, vestida de minissaia, exclamou. — É a feia!

As três fingiram surpresa e, sem espera, caíram na gargalhada.

Ella se lembrava muito bem delas; jovens soberbas que desfrutavam das melhores coisas da vida com muita facilidade.

A garota não chegou a concluir os estudos pelos motivos mais óbvios em que cada amanhecer e anoitecer lhe sobrevinham. Tentou fugir de todos aqueles que a humilhavam e de certa forma tornou a sua vida um verdadeiro inferno.

A esperança de seguir a nova jornada que se iniciava naquele dia lhe foi roubada. Não tinha a menor ideia e nem sabia o motivo pelo qual aquelas três estavam ali. O medo contratacou, fazendo-a tremer. Marjorie sentiu as mãos suarem e um arrepio subiu pela sua espinha, pois sabia que a presença das rivais não acabaria em um simples: “Quanto tempo, Feia”.

Victória, Samara e Sara eram as patricinhas da antiga escola onde Marjorie estudava. A popularidade das meninas se baseava em ser o centro das atenções, de preferência as dos garotos bonitinhos e dos nerds cheios de espinhas. A humilhação por parte delas era como uma rotina que as mantinha vivas. Todos eram alvos, porém Ella sofria mais por causa de sua aparência única.

— Com licença — Ella se despediu apressadamente, fugindo do ângulo de visão das três. A presença das tais lhe causava ansia e não queria se mostrar fraca mais uma vez.

— Espere, não queremos te machucar — Samara se apressou em falar, caminhando para acompanhá-la, seguida por Victória e Sara.

Ella caminhava sobre as pedras que formavam um desenho abaixo de seus pés. As lembranças eram sua maior tormenta, porém naquele momento haviam criado ossos e carnes e sutilmente a seguia.

— Feia! Oops! Ella. Não queremos lhe fazer mal, apenas conversar com você. — Victória caminhava com suas amigas como se fossem duas guarda-costas.

Sara estava ao seu lado quando percebeu o piscar de olho que recebeu de Victória. Logo ela entendeu a mensagem, lembrando-se do que Vic tinha pedido minutos antes, e prontamente tirou o telefone da bolsa para fazer uma rápida ligação.

— Vamos pegar essa vadia! — sussurrou Samara, ainda estourando a bola de chiclete.

Ella Marjorie virou a rua seguinte, já um pouco escura e deserta. Não havia notado quanto tempo exatamente tinha perdido em frente à vitrine, olhando para o vestido. Ela se deu conta apenas quando percebeu o cair do crepúsculo e as lojas da rua em que tinha acabado de dobrar estarem fechando.

O que mais queria era voltar para casa e se abrigar das flechadas que não paravam de ser lançadas por aquelas que vinham atrás.

— Ella, pare! — o grito vibrou pela rua, espalhando-se pelo amplo espaço quase vazio. Marjorie ouviu a conhecida sonoridade da voz a chamando, mas ela não queria parar, não queria ouvir, não queria ver.

Victória a chamava e bem sabia ela que era mais uma afronta e humilhação que viria. Decidida, Ella não cessou o caminhar. Seguiu cerca de mais três passos quando o acesso à saída para outra rua, um pouco mais movimentada, foi barrado.

O susto e pavor a dominaram quando se deparou com três silhuetas masculinas, vestidas de preto lado a lado, altas e fortes, frisando-a. O coração da jovem batia acelerado e os pensamentos mais impróprios a alertavam do perigo que estava prestes a acontecer. A voz de um deles a fez saltar para trás, pois ouviu o som grave das palavras invadir seus tímpanos.

— Onde você pensa que vai tão rápido? Ô, coisinha? — disse o moreno, com porte alto e expressão cerrada. Ele usava uma touca preta, possivelmente cobrindo a careca. Os três formavam um bloqueio intransponível para a pobre garota. Ella Marjorie estava com medo.

— Minha nossa, como você anda rápido! Quase que não consigo te alcançar. — Marjorie se virou e constatou o que já imaginava: Victória chegava com Sara e Samara. A visão das três a fez novamente cair em uma caixa de lembranças.

CINCO ANOS ATRÁS

Era dezembro e as festividades para o Natal era o foco principal de todos na escola. Dali a alguns dias seria o feriado e o término do ano letivo. O alvoroço para a preparação do concerto estava tirando algumas pessoas dos seus perfeitos domínios.

Ella estava isolada em uma das longas mesas de concreto, finalizadas com azulejos brancos, na cantina da escola. A adolescente observava tudo e sabia o que viria das festas, do momento família, das alegrias, presentes e todas aquelas coisas que o Natal reservava.

Por um lado, se sentia triste, pois sabia que naquele mundo ela não se enquadrava, mas por outro gostava de estar sozinha. Seu caminho foi traçado quando se levantou e seguiu pelo pátio, a fim de se preparar para a saída.

Era por volta das 16h quando Marjorie esperava, por detrás de uma coluna próxima de sua sala, algumas alunas saírem do banheiro para poder entrar. Não era por não querer compartilhar o lugar, a questão era que onde ela estava não

ficava ninguém. Quando a viam não receavam em disparar afrontas contra a pobre garota, por isso evitava as pessoas.

O lugar foi desocupado e Ella se encaminhou, a passos largos, para fazer suas necessidades e ir embora. Do concerto ela não iria participar, então não precisaria ficar depois da aula. Seu corpo relaxou por um minuto no vaso sanitário, mas depois a porta principal do recinto foi aberta. Vozes e mais vozes ecoaram pelo lugar. Ella conheceu a voz das intrusas e, se bem sabia, não haveria a possibilidade de as meninas saírem depressa dali.

A garota se colocou de pé cautelosamente, a fim de não acusar sua presença, porém o caderno estampado de borboletas, que levava consigo, a denunciou. Logo suas mãos alcançaram o objeto que, por ironia, deslizou para debaixo da porta, diante da visão de todas. Os cochichos foram inevitáveis e Ella levou as mãos aos ouvidos para bloquear mais uma tempestade de palavras. Quando, por fim, o silêncio pairou no lugar, duvidosa, Ella não se mexia, sua respiração estava alta e seu coração acelerado.

O que podia esperar?

Ella pensava no pior, talvez numa pegadinha que estivessem preparando para ela, mas pelo silêncio que se seguiu

depois de pedir para que fossem embora, achou que estivesse segura, que seria a hora de ir e de certa forma sairia ilesa.

O cheiro da pólvora foi sentido quando se dissipou no ar, exatamente no mesmo momento em que o líquido verde-escuro desceu por cima de sua cabeça, tocando sua pele. Ella sentiu o perigo quando a porta foi fechada e passos saíram em disparada, antes de uma chuva de papel fino e branco descerem sobre ela. Seu rosto ficou molhado e encharcado pela tinta verde. Seus cabelos e rosto eram imperceptíveis debaixo de toda aquela meleca. Dos olhos da inocente as lágrimas começaram a jorrar. Aquilo não estava acontecendo.

— Eu não mereço isso! — gritou, saindo do reservado. O impacto foi grande quando viu sua imagem propagada no espelho do banheiro, com uma palavra escrita de batom vermelho: “FEIA”. Ella estava semelhante a um monstro verde coberto de lama.

— Ô, Deus. Eu quero ir para casa! — O choro sufocou as poucas palavras. Rapidamente deixou o recinto, abandonando seus pertences no lugar. Antes de alcançar a porta, o alarme de incêndio vibrou, fazendo o local ser inundado pela água que jorrava dos canos.

Ao sair pela porta que dava para o corredor do pátio principal, uma plateia já estava à sua espera. Ella viu os rostos

de vários conhecidos e desconhecidos, e claro, não poderiam faltar os semblantes vitoriosos das três. Victória foi se apressando em desejar:

— Tenha um feliz Natal! — Os risos foram inevitáveis.

Ella saiu correndo, atravessando a multidão que por bondade abriu o caminho, com passos pesados e o coração torturado pelo circo em que foi atração principal. Naquele momento só desejava uma coisa: morrer.

A buzina estridente do carro que passou por detrás dos três homens que a impediam de continuar a arrancou das lembranças. Por um minuto não queria ter lembrado, já sentindo a garganta seca e encurralada. Ella, por fim, perguntou:

— O que vocês querem de mim? — A voz saiu descompassada, trêmula e sofrida.

Ella se virou e o pequeno exército, que achava invencível, se aproximou dela. Das três Marjorie lembrava muito bem. No meio vinha Victória, uma jovem de aparência invejada, caminhando sobre seus sapatos caros e lustrosos. O corpo dela era muito bonito. Tudo em Victória era perfeito, sua

estrutura era bem distribuída naqueles 1.70m de altura. Os cabelos loiros e olhos claros ressaltavam o rosto atraente, de boca carnuda e bem desenhada.

Do lado direito, Ella viu Samara, uma jovem de cor parda, cabelos pretos e olhos castanhos escuros. Os fios de sua cabeça brilhavam aos raios refletidos da lua. Sua marca era o chiclete, que sempre mascava. Era uma jovem sem escrúpulos, revoltada e sem pudor. Sua fama no tempo do colégio era de vadia, pois quem a quisesse a possuía.

Ella se sentia ameaçada e constrangida diante da beleza das meninas. Sara, à esquerda, era mais tranquila, parecia uma secretária, acatando todas as ordens e caprichos de Victória. Sara era branca, um pouco acima do peso, de rosto redondo e boca volumosa, com quadris largos que se encaixavam perfeitamente no vestido caqui evasê que estava usando. Em comparação com as outras amigas, Sara era a mais benigna.

— Sabe, Ella, não gostamos de você — por fim, Victória revelou. A explosão do chiclete de Samara causou espasmos na vítima assustada.

— Disso já sei, mas o que quer que eu faça? — Ella quase não conseguia raciocinar por estar presa entre aqueles homens, que repetidamente estalavam os dedos, fazendo suas juntas se chocarem em um som ameaçador. — Eu já não lhe dei

o que queria? Você queria se ver livre de mim e foi isso o que fiz. Por que está aqui?

— Você sabia que tive que repetir um ano no colegial por sua causa?

— Eu não tenho nada a ver com isso. E se te conforta, eu não concluí o ensino médio e não tive o prazer de estar em uma formatura como vocês e...

— Shiii! — replicou Victória. A jovem magra e alta chegou um pouco mais perto, olhando para o rosto deformado e sem beleza de Ella, que logo abaixou a cabeça para que as coisas não piorassem. Num sussurro revelou: — Aquilo era para ser uma brincadeira.

Ella não estava entendendo onde a rival queria chegar. Percebendo sua dúvida, Victória deu um passo para trás e gritou:

— Feliz Natal, sua monstra!

A ação foi rápida. Ella não percebeu quando o punho fechado e firme de Victória lhe atingiu a face, fazendo seu corpo pender para o lado e, por fim, cair no chão úmido, tendo como apoio os pés dos homens. Eles logo se aproximaram para levantá-la.

— Fui obrigada a repetir de ano e minha festa de aniversário foi cancelada porque você bateu com a língua nos dentes para o idiota do diretor da escola. Sem contar a suspensão

que eu levei. Olha, garota, eu desejei muito te encontrar e prometi a mim mesma que quando a encontrasse você pagaria por aquilo! — Victória estava fora de si. Ella, apoiada nos braços dos três, sentia a cabeça doer. Já era a segunda vez naquele dia que fora jogada ao chão, não sabia se aguentaria outra.

— Você não está vendo o que está fazendo? — Ella fazia um esforço para colocar firmeza na voz. — E quanto a mim, já parou para pensar o tanto que eu sofri? Eu só queria ser aceita, ter um pouco de paz, e você não permitiu. Aquele dia foi a gota d'água. Não podia mais aturar seus abusos, por isso revelei toda a verdade que há tempos vinha escondendo porque achava que você — gritou Ella, vorazmente — poderia mudar, mas me enganei. Sabendo que o pior me esperava depois das verdades eu fugi, não voltei mais para escola por medo de você, delas — Ella olhou para as outras duas. Samara estava zombando de suas palavras enquanto Sara demonstrava a feição de pena e arrependimento. — Eu não queria estragar sua vida e nem quero, por favor, me deixe ir embora, eu só quero ir para casa. — Ella sentiu os olhos arderem quando as lágrimas começaram a brotar.

— Suas palavras não me comovem, vadia. Aquele concerto, aquela festa, aquela escola eram a minha vida, minha grande oportunidade, e você acabou comigo! — Vic olhava para

o chão enquanto falava, mas seus olhos encontraram os da vítima quando terminou: — Não se preocupe, será apenas uma brincadeira. — Os olhos da garota refletiam ódio e maldade.

Victória se preparou para mais um ataque e a região do tórax foi o alvo. Ella sentiu o forte impacto e os pulmões falharam, perdendo então a capacidade de respirar. Socos e pontapés foram investidos contra Ella, que ainda estava de pé graças aos homens que a seguravam.

— Vadia, vou te ensinar uma lição: quem mexe comigo não sai ilesa. — Mais um golpe e os lábios da vítima liberou o líquido vermelho, que escorreu pelo blusão cinza e manchou o asfalto escuro.

Ninguém nunca poderia imaginar que uma garota como Victória pudesse ser tão má e desprovida de emoções. Ella estava de cabeça baixa, vendo o reflexo da lua na pequena poça de água. A silhueta da mulher era acompanhada por seus olhos já inchados, dificultando a sua visão. Diante daquela situação, Ella ouviu o grito de súplica vindo de outra pessoa próxima.

— Por favor, pare! — Ella reconheceu o som: era Sara, que chegou mais perto da amiga, a fim de dar um basta naquilo. — Isso não fazia parte do plano.

— Cale a boca! — rosnou Samara, apreciando o espetáculo. Sara foi puxada pela amiga, deixando Victória concluir sua missão.

— Você merecia por isso — disse Samara, liberando um pequeno sorriso dos lábios, após atingir Ella com um grande volume de saliva.

Ella sentia a cabeça rodar. Os golpes que recebeu a deixaram muito mal, sua visão estava embaçada diante dos ataques. Ela ainda sentia seu corpo sendo apoiado por mãos fortes e pedia aos céus para que lhe dessem mais uma oportunidade de viver.

— Agora se ajoelhe, quero ouvir suas desculpas. — O olhar selvagem e dominante de Victória invadiu o ser de Ella. Suas carnes tremiam por dois motivos óbvios; primeiro pelas fortes dores que estava sentindo e segundo pelo medo que já imperava. Seu raciocínio foi lento quanto à ordem da jovem. O processamento de Ella estava devagar pelos golpes que foram dados na sua cabeça.

Enfim, suas pernas foram chutadas na região inferior dos joelhos, fazendo Ella, então, se curvar diante da ordem emanada.

— Victória, já chega! Não precisa fazer isso. Veja em que estado está a pobre coitada. Ela está sangrando. — Sara segurava o choro diante da crueldade.

— Estamos terminando — concluiu Victória. — Anda, vadia! Pede desculpas! — Victória gritou ao pé do ouvido de Ella, que já sentia muita dor e desconforto. Logo depois foi jogada ao chão, colidindo um ombro com as pedras sujas. Ella estava indefesa e chorava, vendo que a única que podia ser por ela, defendê-la não tinha tamanha autoridade nem coragem para fazer algo.

Em meio às lágrimas e soluços, a pobre garota falou:

— Me desculpem! — Ella sentiu a dor da humilhação. O motivo daquilo tudo era inaceitável, pois mal pior havia sofrido nas mãos de Victória e nem por isso agiu da forma que estavam agindo com ela. Marjorie não entendia.

— Mais que maravilha! Achei que estivesse perdido a língua. — Os risos e as palmas deram esperanças para Ella, que achava ser o fim daquela situação. — Boa garota. Levantem a vadia mostra! — A ordem foi obedecida pelos homens. Victória se aproximou e falou baixinho: — Eu quero que você saiba que o mundo será melhor sem você e... — Houve silêncio. — Pensa pelo lado bom, você finalmente será livre.

Um brilho foi notado por Ella. No meio da rua semiescura não foi difícil ver o metal polido e comprido sendo entregue as mãos da vingadora, que em questões de segundos fez o seu desejo se concretizar. Ella sentiu o metal frio lhe abrir

espaço por sua barriga e seu corpo rapidamente processou a emoção que explodiu, saindo por sua boca ensanguentada.

A faca fez seu trajeto, atingindo o mais profundo local de seu abdômen, partindo as suas vísceras. Ella abriu a boca, mas não pôde segurar o volume intenso de sangue que seu corpo expelia. A dor agonizante que sentia, enquanto estava sendo perfurada, não pôde ser emitida. Mãos fortes e calejadas taparam a sua boca com um espesso lenço, que a impediu de emitir o som de socorro.

A jovem fitava os olhos claros da mulher que estava tirando a sua vida. Olhando além, a vítima encontrou os olhares de mais duas: Samara se alegrava, vendo a morte se aproximar da pobre indefesa, enquanto Sara estava com as mãos na boca, segurando o grito de pavor que insistia em sair.

— Shiii! Estou fazendo um favor para você. Receba como um maldito presente. — Victória desferiu mais facadas no corpo quase sem vida de Ella, que logo perdeu as forças, caindo novamente no chão. O metal estava com uma cor além do seu natural. Ella observou, diante da visão turva, o sangue pingar no chão enquanto descia pela arma.

Aquele era o seu fim. Suas mãos procuravam no chão algo para poder se apoiar e sair dali. Queria viver. Ella Marjorie se arrastou no chão úmido e frio. Os rastros foram deixados pelo

sangue quente que corria, e em uma investida cruel, Victória desferiu chutes contra seu rosto, que já estava adormecido pelos constantes e intensos golpes. Sua barriga recebeu mais um chute, fazendo mais sangue jorrar da boca.

— Victória! Pelo amor de Deus — implorava Sara, deixando as lágrimas borrarem seu rosto com o preto intenso do rímel. — Para, por favor. Para! — Sara puxou a amiga pelo o braço, na tentativa de terminar com aquele massacre. Sara não gostava de Ella, era óbvio, porém não aprovava tamanha crueldade com o ser humano, mesmo ele sendo estranho e feio.

— Me larga, vagabunda! Eu vou acabar com a raça dessa ordinária — gritou Victória.

Mais socos e pontapés e, por fim, Ella estava morrendo. Com rosto inchado e dolorido. O corpo estirado no chão mantinha a respiração ofegante e complicada. Por uma brecha dos olhos, Ella notou Samara triunfante com o que via. Sara estava assustada e aterrorizada pelo comportamento inédito da amiga, no entanto, ela era uma delas e tinha feito parte daquilo.

Vic limpava as mãos sujas pelo sangue inocente após o ritual de tortura. Victória realmente era uma pessoa má. Ella já não tinha forças para falar e nem lutar. A escuridão já a rodeava, querendo abraçá-la. O que ainda conseguia ouvir eram algumas vozes, que falhavam devido à audição comprometida. Ella se

virou de frente para o céu negro, enfeitado pelo grande liminar da noite que abraçava a pequena cidade. Exatamente ali, naquele dia, com aquela lua, Ella nascera, porém ali seria o seu fim. Pensava ela ser ironia do destino, porém nada mais importava, já que a morte seria bem-vinda.

— Livre-se dela! — a voz foi ouvida ao longe, pois naquele momento seus sentidos estavam falhando.

— Deixa com a gente — falou a voz rouca e grossa de um dos homens.

Ella sentiu seu corpo flutuar. Por um segundo achou que estivesse deixando a atmosfera e entrando em outro ângulo da vida, porém não era a hora, ainda não. Seus olhos baixos e machucados encontraram dois homens grandes, que a suspenderam pelos braços. A liberdade estava próxima, enfim, a deixariam ir para casa.

Mas nada dura para sempre. Em uma ação rápida, um clarão forte e amarelado atingiu seus olhos, fazendo sua íris dilatar, causando um leve desconforto. O barulho do pneu sendo arrastado no asfalto de betume despertou seus pensamentos e novamente o desespero a preencheu. Ela foi levada para mais perto do carro preto e lustroso e pôde ver que o motorista era o moreno grande que usava a touca. Os outros dois a jogaram no

porta-malas do carro e, no impacto, sentiu o couro cabeludo se romper.

Ella estava tão machucada que quase não tinha mais forças para liberar a dor. A inocente viu de dentro do pequeno espaço os rostos dos seus sequestradores. Havia um ruivo alto com uma tatuagem de um raio enfeitando a área do seu pescoço até a região da clavícula. Seus olhos revelavam impiedade. O outro tinha uma cicatriz no rosto, que descia do olho esquerdo até a boca de lábios espessos. Apesar do momento conturbado, Ella sentiu um alívio nascer em sua estrutura quando pensou que estivesse sendo socorrida.

Talvez aqueles homens não fossem maus, só teriam agido daquela forma por ordem de Victória, porém não foi bem assim. Sua voz saiu trêmula quando pediu socorro baixinho, mas suas súplicas foram interrompidas com mais um soco do homem cicatrizado. Ella pôde então ter a certeza de que naquele dia não sobreviveria. Seus olhos se tornaram escuros depois do golpe e finalmente a escuridão a abraçou quando a porta foi fechada.

O balanço do automóvel parou. Ella permaneceu desmaiada durante a viagem. A luz fraca do poste da rua deserta feriu os seus olhos quando o porta-malas foi aberto e seu corpo, tirado de lá. Seu corpo protestou ao ser tocado, sentindo a dor fluir por entre os nervos e juntas. Ella observou ao redor e

avistou uma pequena casa abandonada. Não havia iluminação nela ou mesmo presença de vizinhos, apenas a paisagem perfeita de morros de areias. Ella sequer imaginava que a vizinhança mais próxima ficava a uns 9 km.

Ella, reunindo as forças, suplicou:

— Por favor, me deixem ir embora. Eu prometo que não vou falar nada. Eu vou sumir, vou embora, vocês nunca saberão de mim. Por favor — as últimas palavras saíram falhadas pelas lágrimas que a causaram soluços, fazendo a sua barriga doer.

Os rostos dos homens não demonstravam misericórdia. Logo a jovem foi silenciada por uma fita larga e cinza. Seus braços foram colocados para trás e imobilizados por cordas grossas. A vítima foi arrastada para dentro da casa velha e seu rosto foi novamente molhado pelas lágrimas de desespero. A cada minuto que passava, Ella sentia a morte mais perto.

A residência era antiga e ficava no começo da cidade, em uma rua longe de muitas. A construção estava comprometida. Era um bom local para despachar um corpo sem que ninguém soubesse, e melhor ainda, era próxima ao antigo cemitério da cidade.

A ideia de que iria morrer e ficar ali deixou Ella em pânico. Suas mãos tremiam e o medo a dominava. Lá dentro uma luz foi rapidamente agilizada; os homens já sabiam o que

fariam. Ella foi colocada na cadeira de madeira velha e desgastada, que rangeu com o contato. A vítima não sabia, mas o pior estava por vir.

— O que vamos fazer com você? — perguntou o da cicatriz.

Os murmúrios foram emitidos da boca fechada da vítima. A diversão para eles só estava começando.

— Ela quer falar alguma coisa. — Risos graves soaram pelo ambiente. — Não consegue falar, ô, coisa feia? — desdenhou o moreno.

Ella teve a fita arrancada de sua boca e então, em plena agonia, aproveitou para fazer o seu pedido:

— Por favor, me soltem. Eu só quero ir para casa.

— Casa? — o ruivo se aproximou e falou: — Mas você já está em casa. — Mais risos.

— Não, não — Marjorie choramingava de tanta amargura. — Socorro! Socorro! — Ella gritou por uma salvação, mas logo foi silenciada quando sua boca foi atingida por um soco duro e firme.

— Cala essa boca, vagabunda! — gritou o ruivo. — Ninguém aqui vai te ouvir.

Ella cuspiu o líquido da boca. Suas roupas estavam encharcadas pelo sangue que ainda emergia de dentro da barriga.

— Sua desgraçada! — Ela ouviu as palavras de ofensa, sentindo a cabeça pender para trás. O seu corpo foi ao chão junto com a cadeira, após sentir um conjunto de dedos grossos atingir a sua têmpora. Pedacos de farpas voaram pelo ambiente quando Ella caiu amarrada. A coloração do vermelho escarlate banhou o piso empoeirado, fazendo as pegadas dos agressores marcarem o lugar.

Ella implorava pela morte, pois já não aguentava tanto sofrimento e dor. Novamente seu corpo foi erguido com poucos esforços por dois homens. O pior aconteceu quando o tatuado moreno a golpeou, quebrando a tíbia da sua perna direita ao meio e fazendo Ella não suportar a dor. Tamanha dor e sofrimento para quê? Ela não sabia da resposta.

Seu corpo foi jogado para o canto da sala. Ella já não tinha forças para falar e se perguntava o que o universo estava esperando para pôr fim naquele sofrimento.

— Você está feia — as palavras eram como zunidos ao seu ouvido.

Ella se virou, pois não podia falar, pedir ou até mesmo implorar pela sua vida. O que tivesse de ser seria e ela já estava sem esperanças de sobreviver.

O homem cicatrizado concluiu:

— Não se preocupe, estamos fazendo um favor para você.

O metal pontiagudo atingiu o seu peito, entrando como um ferro quente e abrasado, queimando os tecidos e nervos que envolviam o seu corpo. A jovem gritou, sentindo o aço atravessar sua carne em várias investidas. Sua boca se abriu em um protesto, alegando a dor insuportável que estava sentindo.

A pobre garota foi erguida em pé, porém o homem não parou. Seus corações estavam tomados pelo ódio sem qualquer motivo. Mais sangue jorrou pela mandíbula deslocada da vítima. Seus braços, enfim, foram soltos, e um barulho seco ecoou pelo espaço quando o corpo de Ella caiu contra o piso molhado.

Marjorie estava morrendo. Seu corpo liberava espasmos, tentando reagir, porém não tinha mais jeito, não havia escapatória, o fim estava chegando. Sua vida foi um sofrimento e a partir dali teria paz e sossego. Fitando o teto semiescuro acima de seus olhos embaçados pelas lágrimas, por fim, Ella Marjorie Romana recebeu a escuridão como o seu maior presente.

Parte II

24 DE MAIO DE 2017

— Mais que filho da puta! — Victória desferiu um tapa no rosto do moreno, que estava em sua casa, diante de sua presença. — O que é tão difícil para vocês que não conseguem fazer um serviço tão simples como matar aquela... coisa?

As amigas, sentadas no sofá, estavam observando tudo.

— Não sabemos o que aconteceu. Ouvimos barulho de viaturas e farol de carros na rua. Saímos para verificar e quando voltamos ela não estava mais lá. Mas ela está morta, não é possível que não esteja — explicou o ruivo.

— Como tem tanta certeza? — Victória encarou o ruivo, com cólera.

— Não sabemos exatamente — por fim, disse o homem.

— Bando de incompetentes! Saiam da minha casa! — apontou para a saída e logo foi obedecida. — E se a vadia estiver viva? — Victória se movia, impaciente, de um lado para o outro.

Diante da preocupação, Samara falou:

— Se o que eles dizem terem feito com ela for verdade, não tem chances de a esquisita ter sobrevivido. Fica tranquila, se ela aparecer a gente faz o trabalho completo.

— Sara? — Victória encarou a amiga, em busca de confirmação diante da ideia de Samara.

— Sim, estou contigo — falou, sentindo um embrulho se formar no estômago.

— Que seja. Se aquela vadia estiver viva, o que acho impossível, não deixarei escapar se eu tiver outra chance. A vagabunda tem que morrer — disse a líder, fixando o olhar para além da janela de sua sala.

DOIS DIAS ANTES

A claridade do dia rompeu a escuridão, iluminando o pequeno lugar de pouca mobília. As pálpebras desvendaram os olhos escuros e machucados, que logo sentiram o incômodo pelos raios do Sol que entravam no ambiente, atravessando as desgastadas cortinas do quarto.

O lugar se tornou conhecido para a mulher deitada na cama. Sentiu o corpo acusar a dor que ainda estava recente. Ella se lembrava do que tinha acontecido na noite anterior, porém não sabia como havia parado em seu quarto. Será que os homens se arrependeram? Seu corpo estava dolorido, mas não havia marcas de facas nem de socos, o que a deixou confusa.

Com esforços, a jovem se levantou da cama rangente e logo ouviu a estrutura do piso de madeira protestar, liberando um barulho estridente, que se espalhou pelo quarto. Ela rapidamente correu para o banheiro, tapando a boca com uma mão e levando a outra à barriga. A velha pia branca foi pintada de vermelho após o líquido de grande quantidade ser derramado nela. Ella sentiu os pelos de sua nuca se eriçarem após o vômito cessar.

Tosse e mais tosse. Marjorie se contorcia como um gato que luta para colocar uma bola de pelos para fora. Em vez de

pelos, a estrutura interna dela trabalhou incansável com todos os músculos para expelir pequenos pedaços de papéis, que foram espalhados pelo chão do banheiro.

O esforço de seu corpo fez a cabeça de Ella doer, como se seu crânio estivesse se abrindo ao meio. A dor que sentiu a levou ao chão. Apoiou sua cabeça entre as pernas e, não suportando a situação, soltou um grito de dor. Os olhos de Ella foram manchados pelo sangue que escorreram em vez das lágrimas.

O lugar ao seu redor escureceu, tornando-se caliginoso, pequeno e compacto. O medo gritava dentro da jovem, que não sabia o que estava acontecendo. O interior do seu corpo estava abrasado, como se estivesse mergulhando em um rio de lava fervente. Diante do calor abrasador, Ella não conteve a ação de rasgar a blusa, que logo se partiu em duas. Tudo girava a sua volta e sentia a cabeça ser espremida. A sensação de medo que sentira na noite passada voltara, porém mais forte e intensa.

Ella Marjorie percebeu que estava lidando com o sobrenatural. A porta do banheiro, que ainda estava aberta, foi fechada com forte impacto. Naquele momento, diante de seus olhos, a tampa do vaso sanitário pulsou como se algo quisesse sair. Seus batimentos estavam acelerados, a boca ressecada e machucada não emitiu som algum até o instante em que um

líquido preto e denso explodiu, manchando o teto e o piso de azulejos velhos.

O espelho sentiu o impacto quando se estilhaçou, voando para todos os lados. Alguns azulejos foram arrancados das paredes pela tempestade de vento que se seguiu. Após a explosão, Ella liberou do âmago um grito de terror, fazendo suas cordas vocais vibrarem.

A tampa do vaso voou. Marjorie ergueu os braços, tentando proteger o rosto do que viesse ser aquilo. A mancha preta, que estava nas paredes e no chão, rastejou, unindo-se vagorosamente para um monte. O líquido preto tomava forma e a garota se manteve atônita diante do que estava presenciando. Uma nuvem densa se apoderou do local e Ella, no chão, pôde ver os pés da criatura humanoide que se revelou, saindo das sombras.

— Olhe para você, tão linda! — a voz doce e cheia de mistério foi emitida de dentro da nebulosidade.

— Quem está aí? — Ella se atreveu a perguntar.

— Está tudo bem, só quero te ajudar — respondeu a voz feminina.

O estalar de dedos emitiu um som e, como em uma mágica, a densa nuvem se dissipou e a luz fraca da manhã retornou. Ella levantou, fixando a silhueta ainda encoberta pelo

escuro. Logo decidiu tatear a parede em busca do interruptor. Seus pés deslizavam pelo líquido que estava no chão e sentiu um desconforto quando precisou caminhar.

Por fim, a luz de led clareou o ambiente. Ella viu a exuberante mulher, vestida de vermelho, no canto do banheiro. Sua boca se abriu em sinal de surpresa e quis logo perguntar quem era ela e como havia ido parar ali, porém a visitante se aproximou e lhe ofereceu um beijo em seus lábios. Ella olhou para a mulher de aparência única e desejou, nem que fosse por um dia, ser como ela.

— Ella, minha querida. — A voz fez com que tivesse a certeza de que não estava ficando louca, de fato existia outra presença feminina ali.

Automaticamente sua mão tocou a maçaneta da porta do banheiro, revelando no lado oposto o quarto escuro e desabrigado. Ella caminhou para o colchão, pois estava em transe. A voz da mulher havia domado sua mente sem que soubesse. A cama a acolheu como uma velha amiga. A estranha mulher sumiu e Ella se deu conta quando sua memória voltou à realidade.

Ella Marjorie lembrava com perfeição o que tinha sofrido nas mãos dos homens e das mulheres, e ainda mais da dor que sentiu. Seu corpo permaneceu deitado por um minuto.

Uma voz calma e firme foi ouvida por ela, saindo do banheiro. Como em um impulso, Ella se sentou na cama e observou a silhueta sair, rastejando-se por entre a sujeira, manchando o piso com o líquido escuro.

Uma cobra se aproximava com astúcia e delicadeza. Ella sentiu um arrepio dominar seu corpo, começando pelos pés até alcançar o topo da cabeça. Seu último ar foi liberado dos pulmões e a respiração veio a falhar quando observou o réptil revelar a língua escura e venenosa. O terror estava presente enquanto a cobra se movia com destreza. Ella estava paralisada quando viu os olhos do animal brilhar, ressaltando o verde-esmeralda hipnotizante. A cobra se ergueu diante dela e a metamorfose se tornou real.

A transformação foi lenta, começando pela sua cabeça, que tomou forma de uma outra enfeitada com pérolas e cabelos compridos descendo pelo corpo. As escamas deram lugar aos seios e quadris firmes, emoldurados, e por fim revelou as pernas fortes e atraentes. Um buraco negro se abriu no teto e um lindo tecido vermelho pousou sobre a silhueta em pé diante de Ella, escondendo a nudez da formosa mulher.

— Isso é um sonho — disse Ella, ainda sem acreditar no que estava vendo. Ella percebeu que o vestido que a mulher

usava era o mesmo que vira na tarde anterior, na vitrine da loja do centro da cidade.

A mulher se aproximou e falou:

— Minha doce criança, não se assuste, vim apenas lhe ajudar. — A mulher puxou Ella para o meio do quarto e, caminhando à sua volta, continuou: — Não foi justo o que fizeram. Você não merecia, não é?

— Eu não merecia — repetiu Ella, sentindo as lágrimas novamente insistirem em rolar diante das lembranças.

A bela mulher tocou no queixo de Ella, que de repente viu um abismo se abrir debaixo de seus pés. Ella Marjorie estava caindo, sendo engolida pelas trevas, levada ao início daquele dia, onde tudo havia começado. Como uma alma após a morte, que via o presente, passado e futuro, Ella visualizava sua silhueta diante da vitrine da loja, depois as três que se aproximaram, fazendo-a cair ao chão.

E com isso as agressões na rua escura, onde horripelantemente sofreu, e logo mais o fim na cabana isolada, sendo cruelmente espancada. Viu seu corpo ensanguentado e quase sem vida abandonado no chão, à beira da morte. Diante daquilo uma dúvida surgiu.

— Como sobrevivi à tamanha crueldade? — Sua pergunta foi respondida quando viu a forte luz que brilhou no

recinto, consumindo-a e assim fazendo com que despertasse em sua casa.

A formosa mulher deu um passo para trás, retirando o dedo da face da jovem assustada. Ella então entendeu: a lua lhe dera outra chance. A mulher revelara a vontade do universo e Ella estava viva para se vingar. Os seus olhos se encontraram com o da entidade que, em um sussurro maléfico, falou o seu desejo:

— Mate todos. Faça-os sofrer e sentir a dor que você sentiu. Piedade não habita em seu coração, a dor deles será o pedido de perdão dos desgraçados. Faça isso por você. A certeza de arrependimento de tais atos será o sangue deles escorrendo por entre seus dedos.

Ella caiu na cama com a boca aberta, ainda em transe diante daquelas palavras. O cordão que usava brilhava mais intensamente do que antes. A mulher voltou à sua forma original, transformando-se na serpente que era. A cobra subiu por entre as grades da cama e rastejou sobre o corpo estirado de Ella, posicionando-se diante da entrada da boca da jovem. Ali a serpente vomitou um líquido verde e amargo, que desceu pela sua garganta, causando espasmos na jovem que prontamente engoliu a substância.

O réptil trabalhou para dilatar a própria boca e de dentro dela outra cobra mais fina e pequena surgiu. Habilidade, abriu caminho pela traqueia da garota, preenchendo o seu corpo paralisado. A cauda do animal fechou a boca de Ella, deixando-a adormecida em um profundo sono.

UM DIA ANTES

Seu corpo reagiu ao vento que entrou pela janela. Ella precisou piscar as pálpebras repetidas vezes para a imagem nos seus olhos voltar ao foco. Ella acordou se sentindo enjoada e, como de costume, foi ao banheiro a fim de aliviar o embrulho do estômago. O ambiente estava com seus objetos nos devidos lugares.

Com os pés expostos sobre o piso limpo, Ella sentiu vários tecidos brancos e pequenos deslizarem debaixo do seu pé. Sua curiosidade fez com que se agachasse e conferisse o que a incomodava: foi então que teve as lembranças restabelecidas e notou que aqueles papéis eram os nomes das três mulheres e dos três homens. Seus olhos se acenderam, consumindo sua visão. A

íris castanha foi substituída pelo verde-esmeralda. Ella fitou sua expressão no espelho do banheiro e não acreditou no que estava vendo.

O rosto, a boca, os olhos, o corpo, a pele. Tudo nela estava grandiosamente atraente. Ella se tocava, sentindo cada espessura do seu corpo. Sua fisionomia havia mudado e a memória a levou para a noite em que recebeu a visita em seu quarto. Ella havia rogado aos céus uma segunda chance e agora ali estava ela, transformada.

Uma voz calma e autoritária ecoou pelo teto do ambiente, invadindo a mente de Ella, que prontamente repetiu:

— Mate todos!

Ella sentiu seu corpo estremecer e as veias escureceram como se algo tivesse sido introduzido em sua estrutura. Uma densa fumaça negra se propagou por toda a casa, seguindo o chamado daquela que conjurava. A jovem, no segundo andar da casa, foi inundada pelas trevas, que abriu espaço entre seus membros e boca, tendo sua nova feição revelada. Enfim a jovem Ella Marjorie Romana faria história.

DIAS ATUAIS
25 DE MAIO DE 2017

Ela estava sendo seguida. Caminhou pelas ruas apressadamente, sentindo suas costas sendo fuziladas pelo olhar de algum desconhecido. O suor escorria por sua testa e de igual modo uma gota de água salgada fez caminho pelas suas costas, fazendo-a estremecer ao toque do vento frio.

Samara morava com os pais ricos e problemáticos. Ela era filha única, por isso a rebeldia fazia parte da jovem indecente. Subiu as escadas para o quarto, fechando a porta bruscamente. Sentiu-se mais segura por estar em casa e, principalmente, em seu quarto. A jovem se despiu e logo foi para o banho, pois precisava se livrar daquele suor que a deixara grudenta.

A banheira foi preparada com água quente e sua pele recebeu o calor com muito prazer. Samara fechou os olhos e deixou que a água fizesse o resto. Já havia escurecido e ela havia adormecido. Um barulho seco se revelou no quarto da jovem, que bruscamente foi acordada.

— Mãe? — gritou Samara. — O que eu já disse sobre entrar no meu quarto?

Houve silêncio e, como não obteve nenhuma resposta, a jovem reclinou sua cabeça novamente no material metálico da banheira e tentou encontrar sua paz interior. As luzes de led começaram a piscar no ambiente, tornando-o caliginoso. Samara se levantou cautelosamente, sentindo suas pernas tremerem diante do evento que estava presenciando.

— O que está acontecendo? — Os olhos da garota ardiam pelas gotas salgadas que emergiam. Os vidros dos espelhos foram estilhaçados por causa do vento que entrou, quebrando as janelas ao lado. Samara saiu apressada do banheiro, ainda nua, com gotas descendo pelo corpo moreno.

O quarto estava iluminado pela lua. Samara sentiu a boca ressecar quando presenciou o lugar destruído, com tudo revirado. Não entendia o que estava acontecendo. Um longo tecido fino e vermelho desceu, flutuando, e Samara se afastou para mais próximo da porta.

Samara caminhou, com passos lentos, para mais perto do tecido flutuante, sentindo os nervos estremecerem. Havia algo que se remexia como uma lesma, buscando abrigo na terra molhada, debaixo do pano vermelho. A ponta foi tocada pelos finos e trêmulos dedos de Samara, e levemente ela começou a puxar para ver o que se escondia.

Um relâmpago, seguido por um raio, serpenteou no céu, fazendo Samara levantar seu olhar para além do quarto. Em pé, ali na janela, uma figura imperava, imóvel, coberta por um véu vermelho. Samara não estava ficando louca, era Ella.

— Mas que droga! — assim que gritou tais palavras, Samara fez seus membros inferiores trabalharem, mas a força de suas pernas não foi suficiente. Ela estava chegando à porta quando sentiu seu tornozelo ser imobilizado, do mesmo modo suas mãos e, por fim, o pescoço.

Seu corpo foi envolvido pelos tecidos vermelhos que flutuavam no espaço ao comando da mulher na janela. A vítima estava sentindo o corpo ser imprensado com tamanha força que seu pedido de socorro não foi ouvido. A silhueta desceu como em um salto, pisando no local frio. Ella caminhava enquanto observava Samara se contorcer.

— Dói, não é? — Ella perguntou, sem revelar nenhuma misericórdia.

— Sua maldita! Você deveria estar morta, morta! — Samara reuniu as forças que lhe restavam para gritar.

Ella se afastou do corpo suspenso, com pernas e braços atados, e contemplou o fim da vítima chegar. Ergueu as mãos e o tecido vermelho, em uma ação rápida, abriu os braços e separou as pernas de Samara. Por detrás de Ella surgiu a silhueta

de algo rastejante. Samara não conseguia falar mais nada. Diante dela o que conseguia ver era uma cobra que se aproximava cada vez mais.

Seus olhos foram tomados pelas lágrimas. A morte viera visitá-la e Samara sentia que o seu fim chegaria. A cobra se ergueu, revelando a língua diante da vítima. Além da visão da cobra, Samara viu Ella movimentar os braços e, por fim, sentiu mais forte suas pernas serem abertas. Os gritos ecoavam pelo quarto, revelando o desespero e dor da vítima.

A cobra concluiu seu trabalho quando encontrou a passagem no sexo da mulher. Samara sentiu seu ventre ser rasgado, provando tamanha dor quando foi preenchida. Ella continuou observando Samara morrer. A cobra saiu pela boca da vítima que, já sem vida, ainda estava no ar. O chão foi marcado pelo sangue que deslizou pela parede, manchando o local que outrora estava impecável.

Ella queria ter a certeza de que aquela criatura em forma de gente realmente estivesse morta, por isso seus braços se abriram, fazendo os extensos tecidos mutilar a vítima, arrancando as pernas, braços e, por fim, sua cabeça. Mais um trovão gritou no céu. Os olhos de Ella revelaram o verde-esmeralda e em um instante não estava mais lá.

1 DIA DEPOIS
26 DE MAIO DE 2017

Fazia um dia desde a misteriosa morte de Samara. Victória ainda estava assustada, lembrando-se da cena que vira no quarto da amiga.

— Será que é a Marjorie? — Sara perguntou, amedrontada.

— Está ficando louca? Aquela coisa está morta e mesmo se estivesse viva não acredito que teria tamanha coragem. — Victória mordeu os lábios. — Está ficando tarde, é melhor você ir para casa. Vou pedir para Marcos te acompanhar.

— Está bem. A gente se vê. — Sara se despediu e encontrou a saída. Ligou o carro e dirigiu pela avenida, acompanhada por Marcos, o ruivo, de volta para a sua casa.

Sara tinha a mente atormentada pelo que vira de sua amiga, da família arrasada e tudo mais. Queria chegar logo à casa, precisava descansar. Dirigia com o olhar fixo na estrada. Em uma curva próxima à esquina de sua residência, surgiu uma mulher sem rosto à sua frente, vestida de vermelho. A visão a

assombrou ainda mais quando revelou a cabeça de Ella decepada. A cabeça jorrava sangue, lavando o asfalto.

A ação foi rápida quando Sara viu os olhos brancos e sem vida da cabeça, suspensa pela mão do corpo que a segurava, dizendo:

— Me ajude!

Sara puxou a direção do carro para a esquerda e logo colidiu com uma árvore. Marcos, que vinha logo atrás, não teve tempo para desviar: colidiu com a traseira do carro de Sara e o forte impacto fez com que seu veículo capotasse por cima, para em seguida ser abraçado pelo verde da pequena mata.

Sara chocou a cabeça contra a direção. Sua têmpora doía como se um martelo a estivesse rachando ao meio. A fumaça saindo de baixo do capô embaçou o para-brisa, impedindo a sua visão. A jovem pegou o telefone e discou para Victória, que logo atendeu:

— Victória! Victória! — Sara soluçava com o choro.

— Sara? O que aconteceu, por que está chorando? — a voz da garota revelou assombro.

— Ella. Eu vi a Ella. Ella... — Sara repetia sem parar as quatro letras que nunca esqueceria.

— Sara, o que aconteceu? Me fala. Onde você está?

— Eu... eu... Estou perto de casa. Bati o carro —
Silêncio — Vic, eu vi uma mulher na estrada com a cabeça da
Ella pendurada. Ai, meu Deus, Vic, foi horrível. Ela vai matar a
gente, nós vamos morrer! — Sara explodiu em um choro
desesperador.

— Você bateu o carro? Onde está Marcos? — Sara olhou
ao redor, na penumbra da noite, e viu o carro capotado do ruivo
no outro lado da rua. A voz da amiga a alertou, tirando-a do
choque com o que vira segundos antes. — Sara? Onde está
Marcos?

Sara respondeu, pesarosa:

— Acho que está morto.

— Sara, estou indo até você, não saia daí. Cheguei em
10 minutos.

Mas Sara acabou desmaiando e nada respondeu.

Enquanto isso, dentro do seu carro, Marcos tentava se
livrar do cinto travado. Sua luta não durou muito quando viu
uma mulher se aproximar. Ella estava com seu tom vermelho e
diferente do que ele se lembrava. Seus olhos foram atraídos por
sua beleza, caindo em um estado de hipnose.

O cinto que prendia o rapaz foi solto como em uma
ordem. Marcos saiu do carro e passou a seguir a mulher, que
adentrou na mata escura. A forma como se movia cada vez mais

seduzia o homem, que se encaminhava para o seu fim. Ella encontrou uma árvore grande e velha, que abraçava o pequeno bosque. Seus olhos revelavam desejo e prazer, por isso Marcos se apressou.

Ele a tocou com esmero, sentindo toda a extremidade do seu corpo, beijando, cheirando. Aquele era o momento perfeito. Marcos colocou seus braços em volta do corpo da mulher, unindo seus lábios aos dela. Ella deixou que ele a provasse, sentindo todo o seu gosto em um beijo excitante. Porém, Marcos começou a sentir uma gosma pegajosa prendê-lo à mulher. Os braços do homem também foram imobilizados, ficando presos junto ao corpo dela. Por detrás do homem Ella observava tudo.

O estalar de seus dedos tirou a vítima dos seus encantos, fazendo seus olhos verem a realidade da silhueta alta, sem rosto, com a boca dilatada, cheia de pequenos dentes pontiagudos como navalhas. A figura estava despida; seu corpo era como o de um defunto, sem cor e sem vida, nos braços de Marcos, que se mantiveram presos dentro das costas da coisa.

Marcos sentiu sua mandíbula ser arrancada como um cão arranca um pedaço de carne. O sangue pingou no verde virgem do pequeno e escuro bosque. Preso ao corpo da entidade, Ella novamente revelou o desejo e foi atendida. A região do tórax da coisa se dilatou, abrindo um espaço que seria preenchido pelo

corpo de Marcos. Não houve gritos nem sussurros. A vítima foi tragada para dentro da silhueta sem face, que depois desapareceu, dissipando-se no ar.

— Sara? — gritou Victória, saindo do carro ao encontro dela.

Sara foi posta no veículo da amiga, que pretendia levá-la para casa. Antes disso, Victória se encaminhou para o lado oposto da rua, a fim de ver Marcos, mas quando chegou perto o seu corpo saltou para trás. Ela viu a mensagem no para-brisa, escrita com sangue:

— *Só faltam quatro.*

Victória saiu em disparada para longe dali, sentindo no coração brotar o amargo sentimento do arrependimento.

Era por volta das 22h quando Roberto ainda estava na casa de Alex, aproveitando a oportunidade para se exercitar e lamentar o possível desaparecimento de Marcos. A história de que Ella sobrevivera e que estava se vingando deles não passava de papo furado de meninas assustadas.

— Aí, vou pegar mais cervejas — avisou Roberto, encaminhando-se para a cozinha. O local era sujo e desorganizado.

Roberto abriu o frigobar e retirou duas latinhas bem geladas. Foi até o armário e optou por dois copos compridos de vidro. Após fechar o armário, Roberto ouviu claramente, acima de sua cabeça, o som de um dedo escorregando por uma superfície de vidro. Viu uma mensagem, com letras vermelhas, surgindo na porta do armário. O choque fez o coração e a cicatriz de Roberto pulsar. Ele não conseguia ver quem fazia aquilo e muito menos como.

Roberto se afastou, encontrando a parede lisa e fria tocar suas costas. Diante do pavor instaurado em seus olhos, as palavras foram lidas no silêncio de sua mente:

— *Sua vez!*

— Alex! Mas que porra é essa? — Roberto gritou.

As latas de bebidas foram expelidas para fora da geladeira, explodindo em uma chuva de álcool que lavava o chão da cozinha. A pia também colaborou quando, da encanção, emergiu a substância vermelha banhando o balcão, misturando-se à cor amarelada da cerveja gelada. Janelas e portas foram trancadas. O sobrenatural se instalou de vez quando Ella apareceu no canto da parede, com sua face real, observando o terror no rosto de Roberto.

— Não pode ser! — Roberto estava boquiaberto com o que estava vendo.

— É, eu sei. Não se preocupe, estou fazendo um favor para você. — As palavras de Ella soaram como uma ordem.

Os canos de água romperam o piso de azulejos, enchendo o local como um aquário, pois assombrosamente as brechas não liberavam espaço para a água escapar. Roberto gritava por socorro, batendo brutalmente contra a porta. Ele se virou, a fim de encontrar os olhos de Ella. Vendo-a flutuar, teve a certeza de que também flutuaria. As gavetas se abriram e delas saíram facas, garfos e todo material cortante, que se posicionaram diante de Roberto.

— Não, por favor! Me desculpe! — suplicava Roberto, tremendo. — Alex! Alex! Socorro!

Alex ouviu o pedido de ajuda vindo detrás da porta. Não havia notado quando ela foi fechada. Logo, Alex saiu dos aparelhos de musculação e correu para abri-la, porém todo o esforço seria em vão.

— Roberto! Abre essa porta! — Alex batia, usando toda a força e investindo contra a madeira.

Do lado de dentro, Ella estendeu a mão e fez um leve movimento. As lâminas atacaram Roberto, rodeando-o e causando cortes em seus braços, rosto e pernas. Um corte fatal foi desferido na vítima quando a faca decapitou a sua orelha. Outro metal arrancou a córnea do olho onde estava a cicatriz. O

jato forte de sangue se juntou à água, que cada vez mais enchia a cozinha.

Roberto estava sendo atacado por todos os lados, o seu corpo inteiro perfurado sem dó. Alex ainda tentava arrebentar a porta, porém Ella não permitia que entrasse. A investida final foi quando a barra de ferro suspensa no teto atravessou o coração de Roberto, cravando-o na parede e o deixando suspenso. A água, por fim, atingiu o teto da cozinha. Nenhuma gota sequer se esvaiu do espaço. Roberto ficou submerso, com seus membros decapitados, flutuando na água.

Alex lutava bravamente, tentando abrir a porta, quando finalmente Ella liberou a passagem. O grande volume de água vermelha explodiu por toda parte, jogando Alex para trás. Ele logo foi perfurado pelas pontudas barras de ferro que usou minutos antes para treinar. A casa foi alagada. Os pedaços de Roberto davam um toque mortal para aquela estrutura brega.

Ella chegou mais perto de Alex, o moreno careca que viu na noite das maldades, ainda agonizando pela dor que sentia. O sangue que escorria do peito perfurado e da boca dilatada fez uma poça no chão, debaixo de seus pés. Ella olhou mais de perto e sussurrou:

— *O mundo será melhor sem você, agora estás livre.*

O animal rastejante surgiu debaixo do vestido longo da garota vermelha. A cobra subiu pela estrutura de metal e, em um movimento rápido, deixou a mandíbula se abrir, engolindo o homem, tragando-o para a escuridão. Ella liberou dos olhos o incandescente brilho verde, e com isso percebeu que estava ficando sem tempo. Precisava se apressar.

27 DE MAIO DE 2017

A investigação do caso estava nas mãos do detetive Douglas, um homem alto e moreno, de aparência atraente. Victória já sabia o que tinha acontecido com Roberto e o restante do que sobrara de Alex. A garota maldosa foi impulsionada a revelar uma mentira sobre tudo o que aconteceu dias antes, do modo como as coisas tinham saído do controle enquanto tentava fazer uma pequena “brincadeira”.

Sara fitou o rosto dissimulado da amiga e uma onda de raiva brotou em seu ventre. Em segundos explodiu:

— Sua vagabunda! — gritou. — Não houve brincadeira nenhuma, foi tudo culpa nossa! — Sara deixou as lágrimas descerem.

— Amiga, o que você está fazendo? — Vic olhou de canto de olho, querendo que ela calasse a maldita boca.

— Não venha com esse papo de amiga. Você foi cruel com Ella quando a espancou e quase a deixamos morta, sem contar na ordem de se livrar do corpo dela, que você planejou juntos com os homens. Detetive, nós somos culpadas por tudo o que está acontecendo. Primeiro Samara, depois aqueles pobres homens, e agora... Só resta nós. — Ela levou a mão à boca, tentando conter o pânico diante de todos.

— Sara! — Victória gritou, cravando as unhas na garganta da amiga, que caiu enquanto se contorcia no chão. Sangue jorrou da boca de Sara e as últimas palavras que ouviu foi seu nome sendo chamado...

— Sara! Acorda! — A jovem voltou dos devaneios em que, sem perceber, caíra. — Desculpe, eu não me sinto bem — revelou.

— Então, você acha que podem ser alvo dessa assassina? — perguntou o detetive a Victória.

— Eu não sei, talvez. Mas só temos que ficar juntas e sermos cautelosas até pegarem essa louca.

— Ela vai nos encontrar — disse Sara, secando os olhos. Não temos como fugir, Vic, e você sabe disso.

— Querida, você está cansada. Por que não vai se deitar um pouco? Eu concluo com o detetive.

Sara se despediu e seguiu para o segundo andar. Não havia mais nada a fazer senão esperar para morrer.

O dia foi intenso. A casa de Victória era constantemente vigiada e aonde ia era seguida. Sara já não falava nada, pois não havia o que pedir ou pensar. Naquela noite fria, Victória optou por dormir na companhia da amiga. Sara estava desesperada, qualquer barulho que fosse a assustava, fazendo-a tremer e até vomitar. As amigas se abraçaram e Victória tentava, de todas as

formas, acalmá-la. Vic, orgulhosa e ao mesmo tempo com medo, dizia para si mesma: *Não morrerei pelas mãos da maldita feia!*

Depois de um longo tempo, enfim, elas adormeceram.

A janela aberta deixou o frio tocar a pele das duas que dormiam tranquilas na cama de casal do atraente quarto. Victória despertou e olhou para o céu, sentindo ainda os olhos pesados. Encarou a majestosa lua em sua fase perfeita. Sua expressão mudou quando viu no céu negro algo parecido com um lenço pequeno, que estava sendo levado de um lado para o outro, vindo em direção à janela. A cada centímetro que o pano se aproximava, maior ficava. Vic estava fascinada pelo que estava vendo, ela queria tocá-lo.

O modo como o véu era balançado hipnotizou a vítima sentada na beirada da cama. O tecido pousou na janela, uma parte para dentro do quarto e a outra, para fora. A jovem, assustada e curiosa, levantou-se e caminhou para ver. O tecido era fino e bonito; o vermelho brilhou na luz da lua e logo a moça o levou ao nariz, querendo sentir o cheiro doce cada vez mais.

— Você gostou? — A voz melodiosa assustou a jovem, que logo se virou para ver quem falava.

— Quem é você? — Vic estava ficando nervosa.

— Não se preocupe, só quero te ajudar. Sou uma amiga.
— A bela mulher saiu do escuro, revelando-se na fraca luz. Victória era bonita, mas por um momento sentiu inveja do que via. A mulher era simplesmente uma deusa da beleza. Vestia um longo vestido vermelho, do mesmo tecido que Vic segurava nas mãos.

Aproximando-se devagar, a mulher se pôs a falar:

— Vejo que encontrou minha echarpe.

— É sua? — perguntou a jovem, admirada.

— Ó, sim, querida. Estava caminhando quando um forte vento a arrancou de mim, daí segui e a vi parando aqui na sua janela. Foi difícil entrar, porém consegui. — O sorriso da mulher era encantador e suas palavras, uma melodia das mais belas já compostas. Era Ella que estava ali, porém Victória não sabia.

Ella esticou a mão para pegar a echarpe quando Vic teve receio de entregá-la.

— Ó, linda menina. Vejo que gostou. Que tal se eu lhe disser onde você pode comprar uma igual? Daí você pode devolver a minha, o que acha? — A voz de Ella era sedutora e maligna.

— Onde posso encontrar uma dessas? — A curiosidade de Victória foi o ponto em que Ella queria chegar. A mulher se virou e então revelou:

— Na cidade vizinha. Lá tem uma loja que eu tenho certeza de que você vai adorar. É simplesmente de morrer. — Seu sorriso apareceu de novo.

— Mas não posso sair — revelou Victória, com a voz cansada.

— Ora, esforços para se ter algo que se quer muito devem ser feitos, não acha?

— Está certo. Ela é linda e quero uma. Amanhã farei uma visita rápida à cidade. — Vic entregou o tecido à Ella que, tocando a pele da mão suada, puxou-a para um rápido beijo nos lábios. Victória ficou paralisada, vendo a silhueta formidável sumir diante dos seus olhos, virando o corredor à direita.

Ella logo tomou a forma de serpente e saiu deslizando pelas escadas rumo ao lugar onde tudo teria fim.

28 DE MAIO DE 2017
ALGUMAS HORAS ANTES

09:00h

— Alguma novidade? — perguntou Sara para a amiga.

— Ainda não. Qual é, relaxa. Não irá acontecer nada com a gente — confortou Vic. — Preciso ir à cidade vizinha fazer umas compras. Você vem comigo?

— Está louca? Não podemos sair desta casa. E mesmo que quiséssemos estamos meio que presas — Sara soltou o ar dos pulmões, jogando-se na poltrona.

— Quer saber uma coisa? Eu vou. Não posso deixar minha vida se acabar por causa dessa ordinária maldita que você acha que matou Samara e os outros. Se quiser vir ficarei muito feliz, caso não, vou sozinha. — Sara fitou a imagem da amiga se preparando diante do espelho e pensou que não podia deixá-la ir só. Em um rápido salto, Sara se colocou de pé e se preparou para a pequena viagem.

A troca de guardas da casa iria acontecer às 13h. Nesse tempo, Victória e Sara ocupavam a mente, já se preparando para as compras daquela tarde. Quando a oportunidade surgiu, as duas saíram em disparada no carro preto, atravessando os portões de ferro da forte e vigiada residência.

16:00h

O universo das lojas estava brilhando diante dos olhos das duas, que aproveitaram para comprar muitas roupas. Victória amava aquele mundo: bolsas, sapatos, roupas e acessórios, aquilo era o que a fazia viva. Aquele momento foi como uma lavagem em suas cabeças, permitindo que esquecessem o que a semana lhes proporcionara.

Victória, incansável, procurou a loja em que poderia comprar sua tão desejada echarpe. Parou diante dela e notou que era parecida com a que tinha visto Ella olhar para o vestido no começo da semana. Uma leve pontada de arrependimento lutava para surgir em seu peito, porém Vic foi mais forte, mandando o sentimento embora. Ali estava ela, a echarpe vermelha mais linda do que a outra e muito mais sedosa. Vic estava triunfante porque sempre conseguia o que queria.

A tarde voou por cima das cabeças das duas, que se serviam de um lanche em um refinado restaurante.

— Ai, meu Deus, Vic. Já está tarde, temos que ir.

— Fica tranquila. Só vou concluir o meu prato.

O universo conspirava a favor de Ella. Naquela oportunidade algumas amigas do colégio se reencontraram, fazendo do crepúsculo um momento divertido e definitivo.

As horas se passaram e Sara estava desesperada. Já passava das 22h quando a pequena confraternização terminou. Imediatamente Sara puxou Vic para fora do ambiente, obrigando-a a ir embora. Uma pequena discussão das duas foi ouvida, mas logo Vic optou pela ida, porque notou que Sara estava muito assustada.

Vic não sabia, mas Sara sentia algo forte e amedrontador invadir o seu ser. A viagem duraria algumas horas, em questões de minutos as duas estavam de volta na estrada.

23:00h

A música saía firme pelos alto-falantes do carro e de alguma forma o ritmo acalmava os nervos de Sara. O caminho estava tranquilo, em algumas horas estariam chegando à casa. Victória ouviu seu telefone vibrar e a voz dura e autoritária do detetive se revelou no aparelho, repreendendo ambas pela atitude imatura que tiveram.

— Fica tranquilo, já estamos chegando ao começo da cidade. Você pode vir ao nosso encontro e parar de ficar gritando como se eu fosse sua filha.

Sara deixou escapar um leve sorriso com o circo da amiga.

— Mas que droga! — explodiu Vic.

— Relaxe, vamos sair dessa — disse Sara.

— É, eu sei! — O volume da música foi aumentado, jogando os estresses pela janela.

23:30min

O FINAL

A paisagem estava ficando conhecida. As dunas de areia branca eram iluminadas pela lua, causando aconchego para quem olhasse. Victória estava fazendo a curva à direita, já entrando na cidade, quando avistou uma velha casa de madeira em péssimo estado de conservação. Diante de seus olhos, Vic viu a porta se abrir e um véu vermelho, como um tapete, ser estendido para fora, chegando próximo ao asfalto betumado. O freio foi brusco, o que fez Sara ser lançada para frente, porém foi segurada pelo cinto.

— Mas que porra é essa, Vic?

— Desculpa, amiga, mas você está vendo o que eu estou vendo?

Sara olhou para a direção em que a amiga olhava e o que viu foi a mesma coisa. O interior da casa brilhava, era um vermelho claro que seduzia. Um vento saiu de dentro do seu interior, fazendo as cortinas de tule dançarem. Victória saiu do carro, tomada pela curiosidade, mas Sara, que sentia que algo estava errado, abriu a porta e começou a gritar pela amiga. Vic

pisou no tecido, desfazendo-se dos sapatos porque queria sentir a sua espessura e maciez.

Um vento surgiu por detrás das dunas, além da velha casa. O cheiro era doce e muito bom. Sara fechou os olhos e apreciou o odor inebriante de algum perfume que pairava no ar. Sobre o pano brilhoso, Sara e Victória sentiam a maciez confortante, quando de repente o tecido as enrolou.

Ambas foram enfaixadas pelos tecidos que surgiram de todos os lados, de dentro e fora da casa. Seus olhos estavam desnudos, observando a casa que se distanciava por debaixo de seus pés, pois estavam sendo erguidas. Uma mulher morena e atraente surgiu na entrada do estabelecimento. As lágrimas que corriam pelo seu rosto não eram transparentes, mas sim um líquido preto. Sara e Vic foram imobilizadas diante de Ella, diante do vento, diante do céu.

A mulher, em suas palavras, revelou:

— Sabem de uma coisa? Eu não tenho muito tempo. — O olhar de Ella encontrou os das vítimas, que choravam com a boca amordaçada. — Conseguem ver o que fizeram comigo? No começo eu só queria ser deixada em paz, depois quis ser amiga de vocês. — Ella fechou o punho, olhando os tecidos fazerem seu trabalho em um acocho doloroso e mortal. Naquele

momento o tornozelo de Vic foi tão torturado que o estalo de seus ossos sendo quebrados pôde ser ouvido no tempo ventoso.

— Mas não pude ter isso — Ella murmurou e liberou a entrada da boca das reféns para poder ouvir as últimas palavras daquelas que em breve morreriam.

— Por favor, por favor! Quem é você e por que está fazendo isso? — Vic perguntou, liberando o grito da dor e do pânico na voz.

— *Feliz Natal, mostra.* Isso te lembra alguma coisa?

Victória sentiu suas pupilas dilatarem quando ouviu a frase conhecida. Sara estava atônita diante da pessoa com quem estavam falando, era a Ella. Ambas logo se puseram a implorar por suas vidas, pedindo clemência.

— Não peçam perdão, será perda de tempo. Esses sentimentos foram roubados de mim quando vocês agiram com tamanha crueldade para comigo naquela noite. E, agora, o fim chegou para vocês.

Ella abriu os braços, deixando a fumaça sair de dentro de si por todo o seu corpo. A forma que se revelou foi uma figura grande, magra e preta. A coisa não tinha aparência; a boca escura se abriu, propagando no ar um grito de terror. Sara e Victória, vendo o mal diante delas, se contorciam, tentando se livrar das faixas que as prendiam.

Um buraco se formou no ventre da silhueta. Ella estava por detrás dela, vendo o fim daquelas que por muito tempo a humilharam. As entranhas da coisa deram a ambas a visão do escuro, dos gritos e do inferno que emergia de dentro do ser.

Victória foi puxada pelas faixas para dentro do corpo preto. Os gritos de dor foram agonizantes. A faixa que prendia sua perna a mutilou, fazendo Vic gritar. De igual modo seus braços e logo sua outra perna. O busto da garota sem vida foi engolido e mastigado pela boca que se formou no ventre da entidade feita pelas trevas.

Sara viu a amiga desaparecer e sabia que logo provaria da morte também.

— Vic! Não! — Sara gritava, louca.

— *O mundo será melhor sem você.* — Ella disse, após Vic desaparecer.

— Ella, por favor, pare! Eu sinto muito, me perdoa. Eu não sabia o que iria acontecer, eu queria que nada daquilo tivesse acontecido. Eu tentei te ajudar. Por favor, Ella!

Sara estava sendo arrastada pelas trevas. Tentava se desvencilhar do tecido vermelho que brilhava. O sangue de Vic estava no asfalto e na areia. Sara sentiu seus pés tocarem as gotas já quase secas.

— Ella, por favor. Você ainda está aí? Eu sei que está!
— Sara gritou como uma única alternativa.

— *Lembre-se de mim. EU TENTEI...*

A explosão de uma nuvem preta arremessou Sara para o lado oposto da rua e Ella foi jogada contra o telhado da casa, que se rompeu, arrebatando o teto. Com esforço para se levantar, Sara viu a negra fumaça se formar em um círculo, que rodou velozmente. A força do vento levantou a areia, colocando o lugar onde estava debaixo de uma cúpula com pequenos e finos grãos.

Diante dos olhos de Sara o restante do telhado, a madeira, o véu vermelho, a casa, tudo foi tragado pela esfera cósmica que se abriu no céu. No fim a esfera se fechou, causando mais uma explosão de luz, que se dissipou em

pequenos pingos de luzes. Eles caíram no chão como pequenos vagalumes.

A entidade havia sumido. Sara viu a pequena silhueta estirada no lado oposto onde antes estava a casa. A jovem correu e viu a mulher deitada quase sem vida, mas Ella não tinha ferimentos nem arranhões. Sara não estava entendendo.

A voz cansada de Ella, por fim, revelou:

— Você tem que ir embora, agora.

— Não, eu vou te ajudar, a ajuda está vindo! — Sara tentava falar.

— Sara, o que eu tinha de fazer eu fiz. Fuja antes que eu mude de ideia. Vai! — A fisionomia de um monstro que urrava se revelou no grito de Ella, espantando Sara. A garota correu e saiu em disparada no carro de Vic.

Sara estava tão desesperada e perturbada com o que viu que não conseguia raciocinar. Em alta velocidade, a caminho de uma possível ajuda, ela não conseguiu manter o controle da direção: virou o carro, fazendo-o capotar e descer pelo abismo rochoso. O veículo logo explodiu e o fogo subiu, clareando o céu, mas em seguida se dissipou debaixo do véu estrelado.

00:00hs

Ella estava deitada, olhando para o véu escuro sobre seu corpo, fitando a lua cheia majestosamente brilhante. Um vento leve e doce desceu do céu, tocando a pele da jovem, que começou a se desfragmentar em diversas borboletas. Ella havia morrido exatamente ali há uma semana, quando foi seriamente torturada, ferida e machucada. Onde seus suplícios e perdões não foram acatados por ninguém.

Sara foi ainda a única que intercedeu por sua vida, por isso, apesar do forte encanto ter lhe roubado os sentimentos, o fim do ciclo da lua estava chegando e com isso pôde ser mais forte, preferindo então deixar a jovem viver. Entretanto, Ella não soube, mas a lua havia se encarregado de fazer o que ela no final não fez.

A fase da lua cheia durou uma semana, o suficiente para que vivesse. Ella se vingou de todos, sangue por sangue: era o que queria. Sua alma poderia agora voar e ser livre. Ela estava cansada de tudo. Finalmente, a garota sumiu no meio do céu negro, já coberto pelas densas nuvens que se preparavam para soltar as grossas gotas de chuva. As borboletas representavam cada pedacinho de sua vida sofrida, que ali ganhava a liberdade.

Enfim, Ella Marjorie Romana estava como sempre
desejou: livre.

FIM

BIOGRAFIA:

Com 26 anos, nascido e criado no nordeste do Brasil, mais conhecido como “Breno Brasilleiro”, o jovem rapaz carrega consigo o sonho de ser escritor desde que se entende por gente. Filho de leitora compulsiva em romances, foi apresentado ao mundo do terror desde muito cedo, garimpando livros na biblioteca da escola, como grandes obras de Stephen King e Agatha Christine. Atualmente ele escreve como hobby e seus poucos leitores não passam de sinceros amigos críticos. Desde 2019 trabalha em seu primeiro livro, um futuro projeto ainda escondido.

SINOPSE:

O que fazer diante da humilhação e preconceito por causa da aparência?

Como reagir depois de sofrer tanta crueldade e de perto poder contemplar a morte?

O que fazer quando se ganha do universo uma segunda chance?

Ella Marjorie Romana, mais conhecida como “Feia”, viveu os piores dias de sua vida debaixo de muito desprezo e exclusão, por um motivo irreversível: a sua aparência. Depois da impiedosa crueldade e tamanha dor que sofreu, e de ser tida como morta em seu aniversário, Ella ganha de presente uma segunda chance, fazendo o sangue que foi derramado ser pago por um preço muito caro.